

Linguagem de Outrora na Poesia de Henriqueta Lisboa

Lenguajen Antiguo en la Poesía Henriqueta Lisboa

Language of Otrora in the Poetry of Henriqueta Lisboa

Edileide Patrícia Câmara Lima¹

Resumo

Este trabalho apresenta uma proposta de vocabulário, antigo, nas poesias da autora Henriqueta Lisboa. Pelo léxico utilizado pela autora, podemos constatar as vivências, sentimentos e ideologias da poetisa e assim demonstrar retratos de uma época, a partir de vocábulos não mais usuais no presente. Para desenvolver esse trabalho o procedimento metodológico escolhido foi o da pesquisa bibliográfica. As orientações teórico-metodológicas estão de acordo com os pressupostos da Lexicologia. A organização do vocabulário apresenta os termos em ordem alfabética, seguidos de informações gramaticais, definição, remissiva e nota.

Palavras-chave: Henriqueta Lisboa; Léxico; Poesia; Vocabulário.

Resumen

En este trabajo se presenta una propuesta de vocabulario, antiguo, en los poemas del autor Henriqueta Lisboa. Por el léxico utilizado por la autora, podemos constatar las vivencias, sentimientos e ideologías de la poetisa y así demostrar retratos de una época, a partir de vocablos no más usuales en el presente. Para desarrollar ese trabajo el procedimiento metodológico escogido fue el de la investigación bibliográfica. Las orientaciones teórico-metodológicas están de acuerdo con los presupuestos de la Lexicología. La organización del vocabulario presenta los términos en orden alfabético, seguidos de informaciones gramaticales, definición, remisiva y nota.

Palabras clave: Henriqueta Lisboa; Léxico; Poesía; Vocabulario.

Abstract

This work presents a proposal of vocabulary, old, in the poetry of author Henriqueta Lisboa. Through the lexicon used by the author, we can verify the experiences, feelings and ideologies of the poetess and thus demonstrate portraits of an era, from words no longer usual in the present. In order to develop this work, the methodological procedure chosen was that of bibliographic research. The theoretical-methodological guidelines are in accordance with the assumptions of Lexicology. The organization of the vocabulary presents the terms in alphabetical order, followed by grammatical information, definition, reference and note.

Keywords: Henriqueta Lisboa; Lexicon; Poetry; Vocabulary.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA); Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal do Pará; Marabá, Pará, Brasil; edileidepc@hotmail.com.

1. Introdução

Este trabalho apresenta uma proposta de elaboração de um vocabulário antigo na poesia da autora Henriqueta Lisboa. O objetivo é demonstrar retratos de uma época espelhados em certos itens lexicais utilizados pela autora, conforme sua época. Sabemos que a linguagem de hoje não é a mesma linguagem de ontem, de igual modo, no futuro não falaremos com a mesma linguagem que falamos hoje, o que pode ser constatado tanto na fala de gerações diferentes quanto em obras escritas.

Conforme diversos autores, como Ilari (2010), a variação que a língua sofre ao longo dos tempos é denominada diacrônica. Significa que a língua passa por mudanças linguísticas históricas, isto é, toda língua passa por transformações no decorrer do tempo, motivadas tanto por condicionamentos linguísticos quanto sociais. No caso do Português Brasileiro, isso pode ser percebido por meio da análise de textos de outras épocas.

Ao analisar os poemas da autora Henriqueta Lisboa verificamos o quanto o português contemporâneo é distinto do português de sua época, também observamos que determinadas expressões e palavras deixaram de ser usadas, dando lugar a novas formas. Nesse sentido, as palavras postas nos poemas refletem as escolhas da autora, conforme seu estilo e conhecimento. No entanto, revela ainda, aspectos culturais do tempo em que sua obra está inserida, e que no momento atual, podem ser considerados arcaísmos ou pouco usuais.

2 Variação Linguística

Bagno (2007) afirma que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade. Conforme Tarallo (1997), toda língua sofre variação e mudança linguística, ou seja, a mesma língua pode ser falada ou escrita de formas diferentes conforme o lugar, a época, o ambiente, o meio de comunicação etc. A sociolinguística, disciplina que estuda esse fenômeno, costuma reconhecer cinco tipos de variação: diatópica, diacrônica, diastrática, diafásica e diamésica.

1. A **diatópica** é a variação que a língua sofre de uma região para outra e que se caracteriza principalmente pela pronúncia (o chamado sotaque) e pelo vocabulário (os chamados regionalismos);

2. A **diacrônica** é a mudança que a língua sofre ao longo do tempo, por força da evolução histórica, e que se percebe na pronúncia e no vocabulário de pessoas de diferentes faixas etárias;
3. A **diatrática** é a variação da língua de acordo com a classe social do falante, na medida em que todos nós tendemos a falar de modo semelhante aos membros de nossa própria comunidade linguística e de nosso próprio grupo social;
4. A **diafásica** é o modo como nos expressamos dependendo da situação de comunicação (uma conversa informal, uma palestra, uma entrevista de emprego, etc.);
5. A **diamésica** tem a ver com o meio de comunicação empregado, ou seja, a fala, um documento escrito, um e-mail, uma mensagem no WhatsApp, e assim por diante.

Dessa forma, a pronúncia, a gramática e o léxico mudam em função de todos esses fatores. É por isso que não se fala no Pará como se fala na Paraíba, um idoso não fala como um adolescente, um morador da periferia não fala como um do centro, o subordinado não fala com seu chefe como fala com os filhos, nem se escreve como se fala, ou se redige um SMS como se redige um ofício. Os exemplos são muitos. Ainda, de acordo com Lima (2013), a língua também pode variar no mesmo falante, no mesmo ato de comunicação, isto é, no mesmo enunciado, na pronúncia, léxico ou gramática.

Assim, conforme a região, ou outros fatores, numa mesma língua encontram-se diferentes formas de se pronunciar a mesma palavra, como “louro” e “loiro”, “catorze” e “quatorze”, “éxtra” e “êxtra”, “Rorãima” e “Roráima; ou de se usar a gramática: “nós” e “a gente”, “teu” e “seu”, “seu” e “dele”, “dez reais” e “dez real”, e de palavras diferentes para dizer a mesma coisa, como, “aipim” e “mandioca”. Também podemos constatar que a linguagem utilizada pelos jovens de hoje não é a mesma usada por seus pais e muito menos por seus avós. E seus pais também não usam os vocábulos que seus avós e bisavós usavam. Isso quer dizer que a língua muda de geração para geração e isso ocorre por vários fatores

Além disso, o falante, constantemente, adéqua sua fala a do seu interlocutor, isso ocorre de forma consciente ou inconsciente, por exemplo: um determinado falante pronuncia “catorze”, mas a pessoa com quem dialoga repete o tempo todo “quatorze”. Portanto o ouvinte pode acabar pronunciando “quatorze” por influência do seu interlocutor, principalmente, se for alguém a quem ele respeita muito.

Em síntese, a variação sempre ocorre: nos diferentes níveis da língua e em diferentes dimensões, geográficas, sociais e históricas, sendo, portanto, absolutamente inerente ao seu modo de funcionamento, como se pode constatar pelas inúmeras pesquisas sociolinguísticas sobre diferentes línguas do mundo.

3 A Variação Diacrônica

No tópico anterior, foi apresentado os tipos de variação que podem ocorrer na língua, no entanto, nosso trabalho tem como foco a variação diacrônica, ou seja, as mudanças ocorridas na língua com passar do tempo. A observação dessa mudança será realizada no vocabulário dos poemas da autora Henriqueta Lisboa, considerando formas não usuais no português atual.

Ilari (2010) afirma que no século XX o Brasil era muito influenciado pelos franceses, o que refletia diretamente na língua. Neste período, foram incluídas no português palavras como *chofer*, *menu*, *abajur*, *chique*, *charme*, dentre outras. Entretanto, nos dias atuais sofremos influência da língua dos Estados Unidos da América, de forma que o inglês tem se incorporado nas diferentes línguas dos países de todo o mundo, isso ocorre por causa de seu poder econômico, assim, palavras como *internet*, *Windows*, *hardware*, *mouse*, *shopping*, *shorts*, *show*, *deletar*, *resetar* e muitas outras hoje fazem parte de nossa língua.

De acordo com esse mesmo autor, além do estrangeirismo, a língua sofre mudanças por outros motivos também. Há pouco tempo, a língua portuguesa sofreu algumas mudanças, por exemplo, o *trema*, que já não era muito usado, embora alguns escritores ainda o usassem, deixou de existir no português, também algumas palavras que tinham o hífen, foram modificadas.

Esses são alguns exemplos que o vasto campo da linguística diacrônica estuda. Conforme Ilari, a variação diacrônica resulta da mudança linguística histórica, em diferentes estágios pelos quais qualquer língua passa no decorrer do tempo: pronúncias, gramática e determinadas expressões e palavras deixam de ser usadas dando lugar a novas formas.

A variação histórica de uma língua ocorre de maneira lenta e gradual e muitas vezes há uma etapa de transição até que se consagre a nova forma linguística. Há algum tempo atrás, era comum o uso da mesóclise – colocação do pronome oblíquo no meio de algumas formas verbais –, como “dir-se-ia”, “dar-lhe-ei” ou “far-se-á”. Atualmente, essas formas praticamente caíram em desuso, existindo apenas em raros textos escritos (com alto grau de formalidade) e na tradição literária. Na oralidade, construções como essas atualmente são

raríssimas. O mesmo ocorre com a palavra “boticário”, que outrora era utilizada para denominar o “farmacêutico”.

Sobre isso, Carlos Drummond de Andrade escreveu um texto intitulado “Antigamente”. Nesse texto percebemos várias palavras que caíram em desuso, são retratos de outras épocas, outros tempos, outros modos de ver o mundo:

Antigamente

Antigamente as moças chamavam-se “mademoiselles” e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia.

As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da força, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entremeto, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava a manta e azulava, dando às de Vila-Diogo [...] (Carlos Drummond de Andrade, 1996).

Nesse texto percebemos a presença de algumas palavras que provavelmente nossos avós usavam e agora estão em desuso. A língua portuguesa, como qualquer língua, apresenta diversas mudanças ao longo do tempo. Estas mudanças nunca são bruscas, havendo geralmente um período de transição entre um estado e outro. As mudanças diacrônicas podem ocorrer: no som/pronúncia; na flexão e na derivação; nos padrões de estruturação da frase; ao nível dos significados; pela introdução de novas palavras (neologismos e estrangeirismos).

Dessa forma, os fatores de variação podem ser internos à língua: pelo desaparecimento de oposições que não se revelem funcionais; pela prevalência do princípio da economia, que tende a eliminar redundâncias; pela introdução de novos elementos com a função de tornarem a comunicação clara/não ambígua); ou externos à língua: relativos a mudanças políticas e sociais, por exemplo, à criação de fronteiras políticas que é cumulativa à criação de fronteiras linguísticas.

Para Lima (2013), a língua é um sistema em aberto e está sempre em elaboração e inclinando-se conforme os moldes dos seus falantes. A língua não é um produto nem um instrumento: É uso que dela fazem indivíduos de diferentes regiões, profissões e posições sociais, situações e épocas.

1.3 ESTUDOS DO LÉXICO

Segundo Matos (2006), o estudo do léxico de uma língua até pouco tempo vinha sendo desenvolvido, quase exclusivamente, por meio de estudos tradicionais que abordavam, dentre

outros temas, a formação e o significado de palavras. Dessa forma, a Lexicologia constituiu-se na ciência responsável por tal trabalho.

Para Biderman (1998), a Lexicologia faz fronteira com a Morfologia, dita lexical, e com a Semântica. Também com algumas ciências tais como a Dialetoлогия e Etnolinguística, e mais recentemente, com a Psicolinguística e a Neurolinguística.

Biderman afirma que a Lexicografia é a ciência dos dicionários. Nessa ciência, as palavras são compiladas, classificadas e analisadas. Em seguida são organizadas em dicionários, vocabulários técnicos científicos e vocabulários especializados. Conforme Aragão (1983), a Lexicografia é uma aplicação prática dos princípios teóricos e metodológicos da lexicografia para a elaboração de dicionários.

A Terminologia, ciência relativamente nova, dentre suas tarefas, ocupa-se também do estudo do léxico. Essa ciência e os primeiros terminólogos desenvolveram um trabalho voltado para o registro de termos tidos como aceitos ou aprovados, que correspondiam a uma forma recomendada. Ou seja, esta aprovação do uso de um termo era mediante uma prescrição ou normalização do mesmo, que privilegiava o uso de unidades terminológicas pertencentes à linguagem escrita (registro culto).

Segundo Biderman, a Terminologia é uma ciência que tem como principal ocupação o estudo e a descrição do léxico (mais, propriamente, dos termos - lexias que adquirem uma certa especialidade na linguagem usada por uma determinada área do conhecimento humano) das línguas de especialidade.

Conforme Matos (2006) foi a partir dos estudos da Terminologia que surgiu a Socioterminologia. Essa ciência ocupa-se da identificação e da categorização das variantes linguísticas dos termos em diferentes tipos de situação de uso da língua. Com o surgimento dessa nova ciência, passou a ser inserido o fator social em trabalhos terminológicos/terminográficos.

Com base em tais verificações, surge então a necessidade de se estabelecer um método próprio para a sistematização dos termos e suas variantes. As considerações acima demonstram que são várias as ciências (disciplinas) que tratam do estudo do léxico, cada uma por meio de métodos e perspectivas próprias.

1.4 SOBRE A VIDA E A OBRA DA POETISA

Filha de João de Almeida Lisboa e de Maria Rita Vilhena Lisboa, Henriqueta Lisboa nasceu em Lambari, no Estado de Minas Gerais em 15 de julho 1901. Nesta mesma cidade

frequentou o Grupo Escolar —Dr. João Bráulio Junior¹¹, e deu seguimento à sua formação no —Colégio Sion de Campanhal. Em 1924, a eleição do pai como deputado federal, motivou a mudança de Henriqueta e toda a família para o Rio de Janeiro, onde permaneceu até o ano de 1935 quando se mudou para Belo Horizonte, cidade em que residiu até seu falecimento, em 09 de outubro de 1985.

Suas primeiras composições poéticas tiveram início ainda quando criança e fundamentaram-se em reflexões alcançadas por meio da leitura de versos de Fagundes Varela. Mais tarde, aprofundou-se no estudo de Rabindranath Tagore e Enrique Rodó. O livro de Rodó, *Motivos de Proteu*, a inspirou pelo senso de harmonia e busca da beleza. Interessou-se também pelos pensamentos de Santo Agostinho, que lhe influenciaram na definição dos conceitos da força e grandeza do destino humano. Leu exaustivamente poemas épicos e familiarizou-se com Camões e outros clássicos portugueses e franceses.

Ela ainda trabalhou como Inspectora Federal de Educação Superior, Professora de Literatura Universal na Escola de Biblioteconomia de Minas Geras, Professora Catedrática de Literatura Hispano-americana na universidade Católica de Belo Horizonte. Assim, sua atividade como intelectual foi expressiva em numerosos campos. Primordialmente como poetisa, mas também como ensaísta, conferencista, jornalista, crítica e tradutora.

Ao longo da carreira, a autora publicou uma lista significativa de títulos: *Fogo Fátuo* (1925), *Enterneçamento* (1929), *Velário* (1936), *Prisioneira da noite* (1941), *O menino poeta* (1943), *A face Lívida* (1945), *Flor da Morte* (1949), *Madrinha Lua* (1952), *Convívio Poético* (1955), *Azul Profundo* (1956), *Lírica* (1958), *Montanha Viva – Caraça* (1959), *Antologia Poética para a infância e juventude* (1961), *Além da imagem* (1963), *Nova Lírica* (1971), *Belo Horizonte Bem querer* (1972), *O alvo Humano* (1973), *Reverbações* (1976), *Miradouro e outros poemas* (1976), *Celebração dos quatro elementos: água, ar, fogo e terra* (1977), *Pousada do ser* (1982).

Vários de seus poemas foram traduzidos para diversos idiomas, como o francês, inglês, espanhol, italiano, húngaro e alemão. Dos vários prêmios que recebeu, destacam-se o 1º Prêmio da Academia Brasileira de Letras em 1931, pela publicação de *Enterneçamento* (1929); a medalha e o diploma de *O malho*, em 1937, por ser uma das cinco intelectuais brasileiras laureadas no plebiscito - *Levemos a mulher à Academia de Letras*; o 1º Prêmio da Academia Mineira de Letras, em 1949, pelo livro *Flor da Morte* (1949); o 1º Prêmio da Câmara Brasileira do Livro por *Madrinha Lua* (1952). Convém lembrar ainda que em 1963, foi a primeira mulher eleita da Academia Mineira de Letras.

Alguns pesquisadores, como Lucas (1989), Dutra (1956), Durval (1972) e Lobo Filho (1965), consideram que a escrita de Henriqueta Lisboa é marcada por fases distintas, fases em relação às escolhas de como trabalhar os temas e, também, da evolução da escrita poética. A escrita da poetisa caracterizava sua visão sobre a vida, sobre o que é essencial para o ser humano. A grande preocupação da poetisa era com a essência do trabalho artístico e com a mensagem que buscava eternizar.

As obras produzidas por Henriqueta Lisboa, de acordo com pesquisas de Leão (2004), Virgílio (1992) e Rangel (1992), são marcadas, ao longo de toda a evolução da poetisa, pelo verso livre, sensibilidade, criatividade, misticismos, religiosidade, musicalidade, uso significativo do simbolismo, não repetição de palavras e versos. Henriqueta criava situações poéticas originais e improváveis. A escrita era marcada pela grande presença da técnica que se transformava em arte. A linguagem na obra de Henriqueta Lisboa é cristalina, para muitos, ilusoriamente simples, metafórica, imagética, simbólica e, ao mesmo tempo, é também extremamente elaborada e complexa “através da qual a poeta sonda o invisível, o indescritível e o indizível.” (VIRGILLO, 1992, p.6)

Os temas principais, ligados à literatura universal, como o amor, a infância, a morte, a ânsia de imortalidade, a passagem inexorável do tempo, o transitório, o eterno, a mineiridade, garantem diferentes possibilidades para a escrita de Henriqueta Lisboa.

A amizade com Mário de Andrade teve início no ano de 1939. Os dois costumavam se encontrar quando o autor visitava Belo Horizonte ou quando a poetisa viajava para São Paulo ou Rio de Janeiro. A afeição existente entre eles é atestada por um respeitoso convívio epistolar iniciado em 1940, quando a conversa descontraída mesclava lições de poesia. As 42 correspondências, guardadas pela escritora, estão hoje arquivadas no Acervo de Escritores Mineiros - arquivo Henriqueta Lisboa, da Universidade Federal de Minas Gérias.

A autora não ignorou a influência dos estigmas de seu tempo, as intenções morais, que eram constantemente encontradas nas obras destinadas ao público infantil e adverte o leitor, expressando sua consciência enquanto professora, poeta, crítica e ensaísta:

Apesar da lucidez que o deve orientar, o artista não pode forjar o próprio temperamento; nem assumir compromissos pela sua poesia, a menos que o estado de iluminação já tenha atingido o ápice, e o ato de escrever seja apenas a consumação do já elaborado no cérebro e na carne. A poesia é como, na ordem do reino vegetal, a planta; não lhe é dado cantar a flor, porém, sim florescer. E há coincidências miraculosas. Acontece que o poeta, em certa hora de sua vida, diante de uma felicidade inesperada, de uma deliciosa recordação, sente-se como criança; e

também pode acontecer que, na reação contra alguma tremenda realidade ele queira recuperar, pela força do pensamento reflexivo, a ingenuidade de outrora. Entregamos, então, o mais puro de sua alma, a poesia sem mácula, tenra como a própria infância, propícia aos pequeninos seres (LISBOA, 1955, p. 88-89).

É incontestável, pois, a importância da poesia da autora, os temas retratados, sua singularidade e especificidade em sua escrita, o que nos leva a pesquisar o léxico utilizado em seus poemas que refletem registros da linguagem de uma época.

2 METODOLOGIA

Para desenvolver esse trabalho o procedimento metodológico escolhido foi o da pesquisa bibliográfica. O levantamento de termos para formação do corpus foi realizado por meio de leituras e análises dos poemas da autora Henriqueta Lisboa. Foram analisados 35 poemas de obras variadas. As escolhas dos itens lexicais foram realizadas levando em consideração as palavras que são obsoletas na língua atual.

Quanto à organização, este glossário tem a seguinte estruturação:

a) **Macroestruturura:** os verbetes são apresentados em ordem sistemática, seguidos de informações gramaticais, definições e remissivas. Conforme Biderman: “A sequência dos itens lexicais (as entradas do dicionário), são ordenados geralmente em ordem alfabética.” (1996, p.141). As entradas, como são denominadas cada unidade terminológica constante na obra, foram organizadas automaticamente, com o auxílio do programa Lexique Pro, em ordem alfabética contínua, que, de acordo com Barros (2004), não considera espaços em branco, caracteres não alfabéticos ou sinais diacríticos.

Para Pontes (2009), esse tipo de apresentação facilita a leitura, assim, acreditamos ser esta a melhor opção para o glossário proposto, por ser mais acessível ao consulente, mesmo àqueles não habituados a realizar consultas a repertórios. Ressalte-se que a grafia dos termos segue as normas ortográficas vigentes da língua portuguesa, no entanto, alguns termos variantes não a seguem para que se possa evidenciar a variação entre os termos do repertório.

b) **Microestrutura:** os verbetes são apresentados com Termo – entrada ± categoria gramatical ± gênero + definição ± remissiva ± nota. As referências gramaticais são indicadas pelas siglas s.m. (substantivo masculino), s.f. (substantivo feminino) e; as remissivas são indicadas por V. (variante) e por Nota.

A microestrutura refere-se às informações, devidamente organizadas, no interior dos verbetes. De acordo com Pontes (2009, p. 95), “consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente após a entrada, dentro de cada verbete”. Os tipos de informações inseridas na microestrutura podem variar, ressalta o autor, dessa forma, nem todas as obras apresentam os mesmos paradigmas, a inserção destes decorre de decisões em relação a aspectos que dizem respeito à natureza da obra, à finalidade da mesma, ao público-alvo, entre outras coisas.

A microestrutura foi organizada de modo automático a partir da inserção de informações, relacionadas aos verbetes, nas etiquetas pré-estabelecidas pelo software usado na edição da obra. Dependendo do termo, nem todos os campos foram preenchidos, já que nem todos são de natureza obrigatória e o preenchimento depende dos dados coletados sobre o termo pesquisado.

A seguir, é demonstrada, por meio de uma unidade terminológica encontrada nos poemas de Henriqueta, descrita no glossário, a codificação utilizada no software Lexique Pro para cada item que compõe a microestrutura proposta para os verbetes. Cada item que compõe a microestrutura apresenta uma determinada função na composição do verbete, assim:

ETIQUETA COMPONENTE INFORMAÇÕES INSERIDAS

\lx Entrada - Adelgaçar

\ps Categoria gramatical – Verbo transitivo direto

\dn Definição - Tornar menos grosso, delgado, fino

\va – não tem

\cf remissiva-

\xv Contexto - Teus sentidos se adelgacem

\sd Campo semântico -

\pc Imagem

Entrada - é o termo propriamente dito, conforme é utilizado na comunidade pesquisada. Pode ser uma unidade simples ou uma UTC (Unidade Terminológica Complexa).

sm. - substantivo masculino

sf. - substantivo feminino

stm. - sintagma terminológico masculino

stf. - sintagma terminológico feminino

v. - verbos (sem especificação quanto à sua transitividade)

adj. - adjetivos

Categoria gramatical - apresenta a “indicação morfológica mínima do termo em seu contexto de uso”, de acordo com Rodrigues (2015, p. 126). Foram consideradas as categorias descritas a seguir e as suas respectivas abreviaturas:

Definição - refere-se ao enunciado que dá conta de significados de termos ou de expressões de uma técnica, tecnologia ou ciência no escopo de uma situação comunicativa profissional, veiculando, assim, conceitos de uma área do conhecimento.

Na elaboração dos enunciados foi adotado o princípio da identidade categorial, segundo o qual é necessário considerar qual a classe gramatical a que o termo descrito pertence para poder proceder à redação do texto definitório, considerando-se as observações de Pontes (2009, p.163), que destaca, com relação à definição, a importância de se “levar em consideração que seu enunciado se organiza de acordo com a classe de palavra que pretende definir” e, com base neste princípio, apresenta recomendações para a descrição terminológica, dentre as quais algumas foram adotadas. Dessa forma foram definidos:

1. Os substantivos por meio de um enunciado iniciado com um substantivo de sentido geral (arquilexema/ termo genérico) seguido por características especificadoras.
2. Os verbos através de um enunciado iniciando com um verbo no infinitivo de sentido mais geral, seguido por características especificadoras da ação.
3. Os adjetivos por meio de um enunciado iniciado por outro adjetivo, ou por uma oração adjetiva iniciada por pronome.

Variante - as várias formas utilizadas para um mesmo referente são consideradas variantes. **Remissivas** - as remissivas apontam as relações entre os termos que constituem entradas no glossário. **Contexto** - é o trecho transcrito da fala dos profissionais em que o termo é utilizado. Conforme Barros (2004), há três tipos de contextos: o definitório, que fornece informações acerca do conceito de modo preciso; o explicativo, que apresenta dados a respeito de certos aspectos referentes ao termo, mas sem defini-lo de modo claro; e o associativo, por meio do qual se consegue, apenas, depreender que o termo pertence a um determinado domínio, sem definições ou explicações sobre o mesmo.

3 APRESENTAÇÃO DO VOCABULÁRIO

A – a

Adelgaçar v. tr. dir. Tornar menos grosso, delgado, fino. **Contexto:** Teus sentidos se adelgacem. **Nota:** [conotativo]
Tornar os sentidos apurados, mais sensíveis

Antanho *adv.* Outrora, tempos antigos. **Contexto:** **Aquele assombro vindo de antanho**

Aposentos *s.m.* O mesmo que: quarto, salas. **Contexto:** **Mais cômodos aposentos**

Açular *v. tr. dir. e tr. dir. ind.* Instigar, incitar, estumar (cães) a atacar ou morder. **Contexto:** **Nada te açula**

B – b

Boitempo *s.m.* Recordações da infância. **Contexto:** **Pelo boitempo este sabor de renascimento da infância.** *Note:* Arcaísmo

Bulha *s.f.* Confusão de ruídos, de gritos; barulho, gritaria. **Contexto:** **Porém recua a qualquer bulha.**

C – c

Cântaro *s.m.* Vaso para beber dos antigos gregos e romanos, provido de duas grandes asas. **Contexto:** **Seria uma cântaro de barro**

Clareira *s.f.* Local desguarnecido de árvores em uma floresta. **Contexto:** **Teus sentidos se adelgacem diante das clareiras.**

Cousas *s.f.* Coisa; tudo o que existe de maneira real ou abstrata. *Variante:* **Coisa.** **Contexto:** **Todas as cousas tinham sido e se mantinham sem reserva** *Note:* Arcaísmo

Cunha *s.f.* Instrumento de ferro, cortado em ângulo sólido e que serve para rachar lenha, fender pedras etc. Pedaco de madeira de forma. **Contexto:** **Assombro à cunha.**

D – d

Deglutir *vtd e vi.* O mesmo que: engolir. **Contexto:** **mas pela crua memória do jamais deglutido**

Delongar *s.f.* Ação ou consequência de delongar ou de se delongar (adiar); em que há atraso. **Contexto:** **Nas delongas do tédio**

Desnudar *v.tr. dir.* Despir-se. [Figurado] Abrir a alma, deixar transparecer o seu estado de espírito. **Contexto:** **A voz por um fio desnuda na palavra sem gesto**

Desperto *adj.* Que foi despertado; que está ou permanece acordado. **Contexto:** **Na madrugada com pássaros despertos**

Despojamento *s.m.* Ação efeito de despojar, de privar alguém de algo que lhe pertence. **Contexto:** **Esse despojamento esse amargo esplendor.**

E – e

Ermo *adj.* Solitário; que se encontra ou está sem companhia, sozinho. **Contexto:** **Segredo no ermo da noite**

Escusa *adj.* que incita desconfiança. **Contexto:** **flecha escusa**

Esgar *s.m.* Gesto de escárnio; aspecto ou jeito que o rosto assume em determinadas situações, sendo intencional ou involuntariamente; Careta. **Contexto:** **Mantos e esgares de hipocrisia** *Note:* Plural de esgar

Esparze *v.tr.dir.* O mesmo que: derrama, entorna, esparge, verte. **Contexto:** **No campo assiste junto ao títere à cruz que esparze**

Esteio *s.m.* Peça que, feita em madeira, ferro, metal ou outro material, serve para segurar ou escorar alguma coisa. **Contexto:** **Rompidos os esteios da alma e descaminhado** *Note:* Sentido conotativo: Amparo ou proteção; o que ajuda, auxilia ou protege.

F – f

Fulgurantes *adj.* Que possui um brilho intenso; que é brilhante; reluzente. **Contexto:** **fulgurantes espelhos**

G – g

Gazeio *s.m.* Canto especial de algumas aves como a garça, a andorinha etc. Canto especial de algumas aves como a garça, a andorinha etc. **Contexto:** **vivo gazeio**

Grácio *adj.* Que tende a ser delicado; que é leve; fino e delgado: gesto grácil. **Contexto:** **grácil granizo de pássaros.**

I – i

Ilharga *s.f.* Uma das partes laterais e inferiores do baixo-ventre. Parte lateral de qualquer corpo. *Variante:* **quadril.**
Contexto: **havia tanto sol na sua ilharga**

Incruento *adj.* Em que não se derramou sangue; **Contexto:** **sacrifício incruento.**

M – m

Madeixas *s.f.* Porção de fios, sejam eles de linho, seda, algodão ou até mesmo de cabelos. **cabelo** **Contexto:** Essa menina de madeixas escorridas.

Moribunda *adj.* Que está prestes a morrer ou a deixar de existir; que está quase morrendo. **Contexto:** Voz de raça moribunda

P – p

Pranto *s.m.* Choro; expressão de um sentimento através de lágrimas: **Contexto:** **Quem não sentia tinha o pranto**

Prenúncio *s.m.* O que prevê um acontecimento ou anuncia a sua realização por meio de indícios. **Contexto:** **Não é senão prenúncio de um delicado acontecimento ou anuncia a sua realização por meio de indícios.**

Pressurosos *adj.* Cheio de pressa; apressado. Que se comporta com impaciência e ansiedade; impaciente. **Contexto:** **vitoriosos pressurosos**

R – r

Rascante *adj.* Que tem sabor áspero, travoso: vinho rascante. **Contexto:** **E que rascante violino brusco**

Referto *adj.* Abundante, muito cheio. **Contexto:** **Às planícies com celeiros refertos e intocados.**

Relampaguear *v.int.* Produzir-se uma sucessão de relâmpagos; relampejar. Fig. Brilhar, cintilar, faiscar. **Contexto:** **Aos frios reptos do ziguezague em choque, súbito relampagueio.**

Reposteiro *s.m.* Espécie de cortina utilizada normalmente para substituir uma porta. **Contexto:** **Um reposteiro o mais espesso**

Repto *s.m.* O mesmo que desafio; ação de desafiar, de provocar, de incitar alguém a fazer alguma coisa. **Contexto:** **Aos frios reptos do ziguezague**

Rubros *s.m. / adj.* A cor vermelha como o sangue. *Variante* : **rúbeo**. **Contexto**: **Ao meio-dia, súbito espetáculo deslumbrante e inédito de rubros**

S – s

Sentinela *s.f.* Soldado armado responsável por guardar um posto, prevenindo invasões surpresas ou descobrindo antecipadamente. **Contexto**: **velada por sentinelas**

Séquito *s.m.* Cortejo; conjunto de pessoas que acompanham alguém, por um dever oficial ou por cortesia.

Sevícia *s.f.* Tortura; ação de causar sevícias, maus-tratos. **Contexto**: **Sevícia para fins de anuência**

Silente *adj.* *O mesmo que: calados, mudos, silenciosos.* **Contexto**: **presentes embora silentes**

Soalheiras *s.f.* Calor muito forte do sol. **Contexto**: **Batidos de lavoura, nas soalheiras**

T – t

Títere *s.m.* Boneco que se move por cordéis, imitando gestos humanos, movido por um homem que está escondido; fantoche, marionete. **Contexto**: **No campo assiste junto ao títere à cruz que esparze**

Tolher *v. tr. dir e bitransitivo.* Atrapalhar a realização ou efetivação de; privar. **Contexto**: **Nada te açula ou tolhe.**

Tresloucado *adj.* Diz-se da pessoa que não tem razão nem juízo; desvairado. *s.m.* Indivíduo que não tem juízo; enlouquecido. **Contexto**: **Os tresloucados do volante**

V – v

Vestíbulo *s.m.* Peça por onde se passa ao entrar numa casa ou apartamento, e que frequentemente serve de passagem para os outros cômodos. **Contexto**: **A nós abaixo no vestíbulo.**

Z – z

Zelo *s.m.* Cuidado; atenção excessiva que se demonstra por algo ou por alguém. **Contexto**: **Jornais prometiam com zelo em grandes tópicos vermelhos o fim de uma guerra**

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos o vocabulário de Henriqueta Lisboa, com o objetivo de registrar os termos que atualmente são arcaicos ou que já não se usa mais com tanta frequência, a não ser em obras de autores da mesma época. Foram registrados 46 termos sendo: 7 verbos, 25 substantivos, 13 adjetivos e 1 advérbio.

Na poesia da autora encontramos apenas duas palavras arcaicas: afeito e cousas, mas constatamos que há muitas palavras que já não são utilizadas pela maioria dos falantes atuais. Dessa forma, percebe-se que houve a variação diacrônica, ou seja, houve uma mudança linguística no decorrer do tempo. Através da apreciação dos poemas da autora verificou-se o quanto o português contemporâneo é distinto do português da época da autora e que determinadas expressões e palavras deixaram de ser usadas dando lugar a novas formas, comprovando assim o fenômeno de variação linguística.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, M. do Socorro Silva de.; PONTES, Antônio Luciano; FARIAS, Emília Maria P.(orgs.) *Tópicos em lexicologia, lexicografia e terminologia*. Fortaleza: UFC, 2006.
- BAGNO, Preconceito linguístico: o que é e como se faz. São Paulo, Loyola, 2007.
- BARROS, Lídia Almeida. Curso Básico de Terminologia. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Léxico e Vocabulário Fundamental*. São Paulo: Alfa, 1996.
- ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do Léxico- Brincando com palavras*. 4º ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- LIMA, Luciana. Linguisticaemfoco.wordpress.com/variação – diacrônica. 2013: acesso em:11/06/18.
- MATOS, Alessandra Vasconcelos. *Vocabulário semi-sistemático da Terminologia do caranguejo*, in: *Tópicos em lexicologia, lexicografia e terminologia*. Fortaleza: UFC, 2006.
- PONTES, Antônio Luciano. *Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê*. Fortaleza: EDUECE, 2009.

REIS, Carla Francine da Silva. Meninices de uma poetisa: um estudo de O menino poeta, de Henriqueta Lisboa. Assis, 2014.

RODRIGUES, Elias Maurício da Silva. Glossário eletrônico da terminologia da farinha de mandioca na Amazônia paraense. 2015. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

TARALLO, F. A pesquisa Sociolinguística. São Paulo: Ática, 1997.